

A teia assassina — um balanço da revolução bolivariana sob a ótica da teoria da transição comunista. Breve ensaio sobre o livro de Modesto Emílio Guerrero

Paulo Alves de Lima Filho¹

191

Resumo

O texto promove uma crítica da economia política neoliberal, em especial sua dimensão bélica e contrarrevolucionária, radicalmente anticomunista, tomando suas dimensões no processo da revolução bolivariana da Venezuela. Para tal, desenvolve os fundamentos da economia política da transição comunista, capaz de eliminar o impasse revolucionário das sociedades do capitalismo da miséria e, assim, abrir caminho para a transição social e a emancipação dos trabalhadores.

Palavras-chave: Transição, socialismo, comunismo, revolução bolivariana.

Resumen

El texto promueve una crítica a la economía política neoliberal, especialmente a su dimensión bélica y contrarrevolucionaria, radicalmente anticomunista, tomando sus dimensiones en el proceso de la revolución bolivariana en Venezuela. Para ello, desarrolla los fundamentos de la economía política de la transición comunista, capaz de superar el estancamiento revolucionario de las sociedades del capitalismo de pobreza y, así, allanar el camino para la transición social y la emancipación de los trabajadores.

Palabras clave: transición, socialismo, comunismo, revolución bolivariana.

Abstract

The paper promotes a critique of the neoliberal political economy, especially its warlike and counterrevolutionary dimension, radically anticommunist, taking its dimensions in the process of the Bolivarian revolution in Venezuela. To this end, it develops the fundamentals of the political economy of the communist transition, capable of eliminating the revolutionary impasse of the societies of poverty capitalism and, thus, paving the way for the social transition and the emancipation of the workers.

Keywords: transition, socialism, communism, Bolivarian revolution.

¹ Economista pela Universidade da Amizade dos Povos “Patrice Lumumba” – Moscou - Rússia, doutor em Ciência Política pela PUC-SP. Coordenador Geral do IBEC. | flap1951@gmail.com



Introdução

Este texto se configura como uma carta de resposta ao amigo e camarada Modesto Emilio Guerrero por ocasião do lançamento da terceira edição de seu livro “Crônica de um Magnicídio”².

Tal resposta se formata em uma espécie de ensaio em que levanto 29 pontos provocados pela leitura da obra, finalizando com algumas considerações finais.

192

1

O autor revela coragem e determinação ao abordar um tema indigesto e pouco estudado, muito embora esteja nos manuais da contrarrevolução e seja de vital importância.

2

Na realidade deveríamos abrir um novo campo de estudos sistemáticos – “A economia política do assassinato político” - braço privilegiado da contrarrevolução.

3

A revolução bolivariana entrou no campo mais vasto das revoluções socialistas, fenômeno característico dos países nascidos de revoluções burguesas conservadoras, europeias ou do vasto mundo ex-colonial. A teoria da revolução socialista, por sua vez, nada deve a Marx, mas, sim, a Lassalle e, depois, a Kautsky. Marx denunciará com veemência esse e outros contrabandos ideológicos em sua Crítica do Programa de Gotha, de 1875.

4

Para Marx, as revoluções proletárias, após a Comuna de Paris, seriam, de fato, revoluções comunistas. Mais, a primeira fase da revolução proletária seria a *primeira fase da transição comunista*³. Essa transição, a depender do

² GUERRERO, Modesto Emilio. Crónica de un magnicidio. Chávez, la enfermera y el edecan. 3ª ed. Buenos Aires: Ediciones Manzana, 2022.

³ “Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista encontra-se o período de transformação revolucionária da primeira na segunda. Também corresponde a esse período um período de transição política e o estado desse período não pode ser outro que a “ditadura revolucionária do proletariado”. MARX, Karl. Crítica do



grau de resistência política da burguesia (nacional e internacional) prometia ser uma forma de ditadura da maioria trabalhadora contra a minoria capitalista, uma ditadura revolucionária da maioria proletária, a partir da experiência histórica até então verificada⁴. Lucien Sève avança nesta compreensão:

Sem entrar aqui na história detalhada dos confrontos daí resultantes, digamos que esta revelação pública em 1891 do texto fortemente crítico de Marx é, sem dúvida, o elemento desencadeador de uma modificação importante na forma de entender doravante a relação entre os termos comunismo e socialismo. Até a década de 1890, a ideia dominante era que a palavra comunismo era o termo antiquado (desde 1848) e ao mesmo tempo dissuasivo para socialismo [³⁴⁹ Ali se verifica que o significado extremamente elaborado conferido por Marx à palavra comunismo permaneceu incompreendido, mesmo incompreendido entre os socialistas do final do século XIX, de modo que ele continuou a evocar as ingenuidades ideais e ao mesmo tempo bastante irrealistas dos anos 1830], razão pela qual o abandonamos sem pesar aos anarquistas. É certo que a renovada audiência do Manifesto ressuscitou o uso do termo comunismo, que, no entanto, permanece muito limitado. A publicação *da Crítica do programa de Gotha* produziu, portanto, o efeito de uma bomba entre os executivos e eleitos do SPD - o socialismo lassaleano não seria apenas fraco do ponto de vista teórico, mas "condenável" politicamente, é Marx quem o afirma... [³⁵⁰ A palavra "condenável" aparece na carta que Marx dirigiu a Bracke em maio de 1875 para acompanhar o envio de sua crítica (cf. *Crítica do programa de Gotha*, op.cit.p. 46)] ... Isso obriga a liderança socialdemocrata, para sair dessa situação insustentável, a encontrar uma maneira de abrir espaço para o comunismo de Marx, o que não a obriga,

Programa de Gotha, escrito no começo de maio de 1875 e impresso com algumas cortes na Revista "Novo tempo", t.1, nº18, 1891, Obras Completas de Marx e Engels, t.19, p. 9-32. Moscou, IPL, 1975 (tradução nossa, do russo). Entenda-se: estamos diante da *transição comunista*.

⁴ Lucien Sève, no tomo IV de sua quadrilogia, debate exaustivamente os temas relativos ao socialismo e comunismo, dentre os quais a invenção da teoria da revolução socialista. Vide: SÈVE, Lucien. *Communisme?* Tome IV, Paris, La Dispute, 2019. Première partie.



no entanto, a mudar nada na doutrina socialista em força dentro do partido.

E é a acomodação extraordinária que, vamos dizer, foi apresentada a princípio de maneira tão discreta, que ninguém na época percebeu, que escapa a sua origem precisa, que nenhuma história da socialdemocracia a menciona, mas que pouco a pouco tomará aparência de evidência a ponto de ainda hoje, mais de um século depois, revelar de forma demonstrativa a gênese dessa flagrante decepção, mas ainda assim encontra a incredulidade de certos marxistas. Que a Crítica do programa de Gotha está na origem da acomodação em questão - ao que, no entanto, não dá qualquer garantia - a prova é fácil de dar: é este texto de Marx que pela primeira vez introduz a ideia, até então formulado no pensamento socialista, de que a transição para uma sociedade sem classes passará necessariamente por uma 'fase inferior' mais ou menos longa antes de poder atingir sua 'fase superior', sucessão histórica previsível que se refere ao fato de que a nova sociedade primeiro de tudo carrega os traços inevitáveis de um "parto longo e doloroso" escreve Marx que ainda retém "marcas de nascença" mais ou menos duradouras ("Muttermalen"), de modo que precisa de tudo um tempo para se manifestar como será em seu desenvolvimento adulto. Vamos reler a *Crítica do Programa de Gotha*: Marx fala expressa e exclusivamente dessas duas épocas sucessivas como duas fases da *sociedade comunista*. Procurando uma maneira de fazer um lugar honroso, mas não pesado, para o comunismo de Marx, mantendo inteiramente sua concepção muito diferente das coisas, os socialdemocratas alemães imaginaram então um artifício ideológico muito simples: a primeira fase da eventual sociedade comunista de Marx, seria *precisamente o que eles chamam de socialismo*... Farão mesmo - falsa leitura consciente ou não - como se fosse o que Marx escreveu, no qual tiveram sucesso além de toda expectativa. Que Marx leva em conta neste texto a linguagem exclusiva da sociedade comunista, eu mesmo não descobri, absolutamente ninguém o menciona, e só medi seu significado maior na virada dos anos 1980 e 1990. [³⁵¹ Lênin, sempre um leitor muito atento de Marx, notara-o de passagem em O Estado e a Revolução, onde fala dessa ordem social "que se costuma chamar de socialismo e



que Marx chama de primeira fase do comunismo (Ouevres, t.25 , p.503; cf. também 504). Mas ele não parece ter percebido sua grande importância. - A primeira menção que eu próprio fiz a esta descoberta, acompanhada de uma análise do seu significado e alcance, aparece no meu livro publicado em Maio de 1990, *Communisme, quel second souffle?* (op.cit., pp.66-73) que aprofundou a exigência do que batizei em junho de 1994 de "refundação comunista".] os i's.

O fato de ter sido decidido, no início da década de 1890, entender doravante sob a palavra socialismo as formas sociais de transição para uma sociedade comunista não teria levantado nenhum problema se a palavra socialismo já não tivesse apenas vários significados incompatíveis com esse novo significado. Na época, socialismo era antes de mais nada o nome genérico e, portanto, indeterminado, de tudo que visava algo além do capitalismo - nesse sentido muito geral, não poderia, portanto, ser apropriado designar também uma fase particular dessa superação histórica. Muito mais, o socialismo é o nome sob o qual se reconhecem concepções teóricas e movimentos práticos originalmente estranhos, até mesmo hostis ao comunismo marxista - é em particular, nos países francófonos, o caso do proudhonismo -, ou que, pelo menos, deles se separaram em pontos essenciais - é o caso, na Alemanha, do lassaleanismo, e mesmo de fortes correntes de pensamento dentro dessa socialdemocracia, esses pontos essenciais tocam no modo de apropriação social, no definhamento do Estado, na concepção de partido, à firmeza revolucionária, à qual se acrescenta a combatividade contra o imperialismo e o chauvinismo guerreiro. Em cada uma dessas questões cruciais, a diferença é óbvia, às vezes diametral, entre o socialismo majoritário no SPD e o comunismo marxista - esta é a própria fonte da insurreição de Rosa Luxemburgo, embora ela mantenha a palavra socialismo. Portanto, pretender instituir tal socialismo na primeira fase do movimento rumo ao comunismo, fazendo com que Marx endosse a coisa por meio de uma patente falsa leitura, constitui o que só pode ser chamado de impostura [³⁵² Quem primeiro, onde e quando escreveu que o socialismo foi a primeira fase do comunismo? Ninguém, que eu saiba, ainda respondeu a esta pergunta tão interessante. Em *L'utopia collectiviste*, PUF, 1993, Marc



Augenot, por exemplo, nem mesmo o procura sob o título ainda atual "Socialisme, collectivisme, communisme" (p.104-108). Inclina-se a pensar que os historiadores do socialismo não buscaram a resposta porque não perceberam a questão]. Uma vez admitido seu princípio, nada pode circunscrever os efeitos. Atribuir o socialismo à "fase inferior" do comunismo é, de fato, reconhecer nele a sua primeira forma, e atualmente a única - assim diz a célebre frase de Eduard Bernstein: "o movimento é tudo, aquilo que 'ordinariamente se chama o objetivo final do socialismo não é nada" [³⁵³ Prefácio à primeira edição de seu livro de 1899, *Les pressupposés du socialisme*, op.cit., p.16]. Portanto, a própria relação da qual partimos é invertida: o socialismo não é mais a fase inferior do comunismo, é o comunismo que é, na melhor das hipóteses, a fase superior é o comunismo que é no máximo a fase superior, a única acessível num futuro próximo, portanto no fundo real, vendo-se assim o comunismo regressado ao ideal, isto é ao que sem dúvida não ser realizado nunca.

O que no início poderia parecer um simples acréscimo mínimo à Crítica do Programa de Gotha - Marx teria apenas omitido especificar que a fase inferior do comunismo é precisamente o que se chama de socialismo... onde o objetivo comunista, o silêncio mantido sobre suas demandas inevitáveis, tende a ser apenas um tema retórico para efeitos de tribuna, o socialismo em sua versão socialdemocrata tornando-se a única realidade política⁵.

5

Infelizmente, a teoria da revolução socialista transitou como contrabando ideológico da II à III Internacional, com os aprimoramentos posteriores de Stalin e pós-stalinistas.

6

A teoria da revolução socialista nos assombra até hoje e representa o núcleo do espectro fantasmal das incompreensões contemporâneas sobre a emancipação da humanidade.

⁵ SEVE, Lucien. *Penser avec Marx. Communisme?* Paris, La Dispute, 2019, p.308-311 (tradução nossa, do francês).



7

Para além de não ser herança de Marx (muito ao contrário!) a denominada revolução socialista e o socialismo não são tudo aquilo que desejam fazer crer - i.e., uma atualização da teoria da revolução comunista e seu sinônimo. Não são herdeiros do comunismo de Marx e da Comuna. São, de fato, herdeiros do socialismo de estado alemão. Não são a antessala do comunismo, porém a do capitalismo, pois vedam a transição necessária à superação do estado e das mercadorias, a que permitirá a plena emancipação das maiorias trabalhadoras e da própria humanidade. Ao invés desta, temos a plena emancipação do estado, de modo a manter a revolução anticapitalista nas malhas eternas do estado e das mercadorias, do capital.

197

8

Como já alertara Engels em carta de 1853 a Weidemayer:

Parece-me que uma bela manhã, nosso partido, devido ao desamparo e letargia de todos os outros partidos, será enfim forçado a tomar o poder e realizar coisas que não correspondem diretamente aos nossos interesses, mas aos interesses revolucionários gerais e especificamente pequeno-burgueses; Nesse caso, sob a pressão das massas proletárias, limitadas por suas próprias declarações e planos impressos, que foram, até certo ponto, falsamente interpretados e apresentados no meio da luta partidária, seremos forçados a realizar experimentos comunistas e dar saltos, que nós mesmos sabemos muito bem quanto são prematuros. Ao fazer isso, perderemos nossas cabeças - esperançosamente apenas no sentido físico -, haverá uma reação e antes que o mundo seja capaz de fazer uma avaliação histórica de tais eventos, seremos considerados não apenas monstros, para os quais não daríamos a mínima, mas também tolos, o que já é muito pior. É difícil imaginar uma perspectiva diferente. Em um país atrasado como a Alemanha, em que há um partido avançado e que é atraído para uma revolução avançada junto com um país tão avançado como a França, no primeiro conflito sério, *assim que o perigo real ameaça*, surge a vez de esse partido avançado agir, e **isso seria prematuro em qualquer caso. No entanto, tudo isso não é importante, e o melhor que se pode fazer é preparar antecipadamente na literatura do nosso partido a**



justificativa histórica do nosso partido, caso isso realmente aconteça. No entanto, nosso desempenho no cenário histórico em geral agora será muito mais impressionante do que da última vez⁶.

Levando em consideração o que ocorria na Alemanha, onde a marcha do partido operário era estupenda, seria bem possível que a classe trabalhadora alemã levasse ao poder o partido operário, antes que as condições históricas estivessem maduras para a revolução comunista, *mas à qual ele não poderia se furtar*. Ou seja, era perfeitamente possível ocorrer na Alemanha uma revolução comunista prematura. Nesse caso, explicava Frederico, a transição deveria realizar tarefas históricas não propriamente proletárias, até que a transição comunista alcançasse o ponto de iniciar sua *marcha propriamente anticapital*. Antes dessa fase haveria *outras*, nas quais a classe trabalhadora se transformaria em classe dirigente, capaz de autogovernar-se e, portanto, governar o país e congregar em torno de si o apoio revolucionário das classes trabalhadoras dos países capitalistas mais avançados. Porém, antes que isso ocorresse, era imperioso deslinda-lo *teoricamente*. Coisa que jamais, até hoje, foi feita à altura das necessidades históricas.

9

Pelo menos duas fases antecederiam aquela onde a transição passaria a superar diretamente o capital e seu complexo de formas de dominação. A primeira, uma fase de conquista da plenitude emancipada da democracia dos e para os trabalhadores e outra, segunda, de enfrentamento da forma universal de dominação mundial do capital, i.e., do imperialismo. Trata-se de etapas processuais assíncronas, desigualmente dinâmicas e radicais.

10

Nesse interim a classe trabalhadora se capacitaria para enfrentar o estado e o próprio partido (ou partidos) revolucionário, ao atingir e superar aquele nível de maturidade da Comuna. Nas condições particulares dos capitalismo derivados de revoluções burguesas conservadoras, fossem elas europeias ou do complexo mundial ex-colonial, as principais forças

⁶ MARX E ENGELS. Obras Completas., Carta a Iussif Wiedemayer, Manchester, 12 de abril de 1853 (grifo nosso; tradução nossa).



produtivas deveriam transitar à sua plena dominação e estágio de desenvolvimento material, de modo a poder proceder à transição propriamente comunista.

11

O dilema central das revoluções socialistas é vestirem um colete de chumbo enquanto acenam um comunismo perdido nas brumas de um futuro indeterminado e prometem voar para a emancipação quando, de fato, são todas arrastadas de volta ao capitalismo.

12

As revoluções políticas promovidas por estas revoluções, na realidade, são transições das democracias conservadoras a democracias radicais dos trabalhadores, ou seja, das maiorias, de modo a caracterizar a transição como sendo a das revoluções burguesas conservadoras às revoluções democráticas radicais dos trabalhadores (dado que as burguesias estão declaradamente no campo da contrarrevolução).

13

Estas, por sua vez, podem ter formas e radicalidade distintas, a depender da virulência das contrarrevoluções, que vai desde o banimento da burguesia da vida política do país – como ocorreu em Cuba – até sua participação através de partidos, tal como ocorre, p.ex., na Bolívia ou Venezuela.

14

Serão transições comunistas prematuras caso as três formas obrigatórias de sua existência se realizem: as *duas formas anticapitalistas* de expressão nacional (alcance da plenitude da emancipação política da classe trabalhadora e da emancipação econômica e política da nação) e a *terceira, propriamente contra o capital*, contra as categorias que permitem a sua existência – o estado e a mercadoria. Embora ocorrendo simultaneamente, constituem um processo que exige a realização de ambas para que a terceira possa ocorrer, para que a revolução política, seu estágio inicial, possa fluir como revolução social, como emancipação econômica dos trabalhadores.



Para que haja a real emancipação econômica dos trabalhadores, as duas primeiras fases anticapitalistas de âmbito nacional, contra as classes proprietárias e o imperialismo, serão aquelas que conformarão a criação de novas forças produtivas revolucionárias. Daí se chamar essas revoluções de *prematuros*, pois exigem a criação dessas novas forças produtivas, que por sua vez conformarão o novo complexo político revolucionário, capaz de comandar, hegemonizar o processo da transição. Toma-se como padrão a Comuna de Paris (e certos aspectos da experiência dos primeiros anos da revolução russa, sobressaindo à invenção dos soviets), que expressou a ação autônoma da classe trabalhadora no controle da reprodução social, para além e contra o estado e a política burguesa, da reprodução política burguesa (entretanto ainda incapaz de defender-se militarmente da contrarrevolução).

Os dois momentos antecedentes àquele especificamente anti-capital, ou seja, anti-estado e anti-mercadoria, nos declaram que podem ser uma continuação de possibilidades históricas. Estamos diante da realização de possibilidades históricas diferenciadas. Algumas de suas formas poderiam ser:

I. a) o momento anticapitalista de conquista da plenitude emancipatória da classe operaria ao lado de b) uma alta estatização do capital funcionando para a conquista da mais plena possível soberania nacional, de uma economia medianamente industrializada, mas, entretanto, com c) forças armadas sob o controle da política oligárquica, como foi o caso do Chile, onde a transição viveu dois impasses simultâneos e fatais. De um lado, a emancipação da classe operaria esbarrando na sua subordinação ao estado e, de outro, o estado fora do controle da classe operaria, não quer eliminar as forças armadas oligárquicas. Estas, portanto, encontram-se livres para liquidar ambos os momentos.

II. Outra possibilidade seria a) haver um fraco nível de emancipação da classe operaria, ao lado de b) com um estado não muito expandido e com economia com fraco nível de industrialização, sob a hegemonia de um único setor (petróleo, por ex.) exportador e com c) forças armadas divididas e comandadas por sua fração revolucionária. Conseqüentemente, esta fração hegemonizará o processo revolucionário e promoverá uma revolução democrática radical na qual se permitirá à classe trabalhadora e camadas populares em geral lutar pela expansão de sua emancipação política. Muito mais rápida e contundente, entretanto, será a dominação dos militares sobre



o estado, secundados pelo neolumpesinato. Por mais que se proclame socialista o seu projeto, este não passará de expressar uma estatização da economia sob o comando do setor petrolífero. Uma sociedade extremamente vulnerável ao embargo imperialista, quanto mais se a revolução agrária marchar muito lentamente. Este, aparentemente, é o caso da Venezuela. O projeto comunal eventualmente poderá acelerar a emancipação dos trabalhadores e, assim, fazer caminhar tanto a fase anticapitalista e anti-imperialista, quanto a possibilidade de transitar ao aprofundamento da revolução democrática radical dos trabalhadores naquelas duas dimensões.

III. Uma terceira possibilidade poderia ser a) existir uma classe trabalhadora e antes de tudo operária altamente aguerrida e organizada, motor da revolução democrática radical e, b) um estado controlando os setores estratégicos do projeto de transição, além de c) forças armadas educadas pelo imperialismo, naturalmente aliadas da ultradireita. Muito embora a revolução democrática radical tenha se expressado na nova constituição e as forças armadas estejam destinadas a uma formação republicana em escola específica, isso ainda não as transforma em corpo político obediente à democracia radical. Tal a força das duas primeiras condições que o golpe de estado perpetrado, apesar de sua violência, foi revertido, como foi o caso da Bolívia. As forças armadas foram forçadas a aceitar nova eleição presidencial que levou ao poder as mesmas forças depostas por elas. Note-se que a justiça não só não acompanhou os golpistas como passou a processá-los após o retorno ao poder das forças depostas. A contrarrevolução não conquistou o sistema judiciário. A contrarrevolução, por seu lado, mantém a pressão, conspira crônica e permanentemente, porém as forças democráticas radicais constituem um bloco mais poderoso. Podemos afirmar que a revolução democrática radical continua a avançar rumo a estágios mais elevados da emancipação nacional. Com o avanço da plena emancipação política da classe trabalhadora, a democracia pode mudar de qualidade e permitir, desse modo, a plena soberania econômica e política nacional.

Convém assinalar que nem todo processo de transição parte de uma revolução democrática radical. Esta é uma etapa democrática da transição. A pedra de toque desse processo é a liquidação dos momentos antidemocráticos vitais, tais como as instituições capazes de impedir o salto radical, quais sejam o Judiciário e, fundamentalmente, as forças armadas. Estas são o esteio da democracia conservadora e sua ordem que, em última instância, reverterão a marcha democrática radical da transição política.



No caso do Chile de Allende, ainda estávamos no limite da democracia conservadora, intocados os poderes judiciários e as FFAA. O mesmo ocorrendo na Bolívia, embora ali a democracia radical avance. Na Venezuela, entretanto, parcela determinante das forças armadas são força revolucionária, o que complica um retorno conservador abertamente contrarrevolucionário. Na revolução russa de 1917, na revolução iugoslava, cubana, chinesa e vietnamita gestam-se forças armadas revolucionárias que garantem a marcha da democracia radical, muito embora esta não se realize plenamente. O trânsito da revolução democrática conservadora à radical é altamente difícil, pois a iniciativa do status quo conservador conta com a virulência das forças conservadoras nacionais e sua institucionalidade, assim como com o apoio econômico e político imperialista. O sucesso das transições democráticas radicais dependerá sempre da capacidade de elas liquidarem a contrarrevolução nacional e seus aliados imperialistas.

A revolução democrática radical, por sua vez, tem sua própria evolução até poder alcançar o estágio de assalto à cidadela do capital, em sua forma genérica, mais além mais além dos condicionantes nacionais e imperiais. Estamos diante de transições democráticas por dentro e/ou contra a ordem conservadora. O caso do Chile é emblemático. O governo proclama uma transição socialista por dentro da democracia conservadora sem plano para liquidar a contrarrevolução. Deu no que deu.

A revolução bolivariana, por seu turno, adoeceu desses dilemas comuns às revoluções autoproclamadas socialistas. Incapazes de transitar à fase anticapital e, portanto, à supressão do estado e das mercadorias, ficam prisioneiras dessas ambas dimensões do capital e sofrem uma inflexão que vai do anticapitalismo ao capitalismo privado.

16

Não ocorrendo a plena emancipação política da classe trabalhadora, a fase anticapitalista não conseguirá ir além do anticapitalismo ou do capitalismo privado ou estatal e, portanto, não poderá haver transição anticapital, substituição do estado e das mercadorias.

17

A revolução bolivariana adoeceu desses dois dilemas das revoluções socialistas. Incapazes de transitar à fase anti-capital, portanto anti-estado e anti-mercadoria, ficam prisioneiras de ambas as dimensões do capital e sofrem inflexão do anticapitalismo ao capitalismo privado.



18

O manual soviético da transição socialista concebe e reproduz a particular experiência soviética como sendo sua forma geral, ou seja, para todos os países oriundos de revoluções burguesas conservadoras, europeus ou do mundo ex-colonial, em geral, a expansão do estado alcançando o comércio e indústria até as pequenas e médias propriedades, algo absolutamente desnecessário, capaz de criar aguda escassez de mercadorias comercializadas e produzidas nesse âmbito, de igual modo criar aguda crise política, em que ambas atuarão no sentido de apressar o advento do bloqueio definitivo da plena emancipação dos trabalhadores. Significará, também, inexoravelmente, a transição da revolução democrática radical dos trabalhadores para a ditadura estatal contra os trabalhadores, como contrarrevolução antidemocrática.

203

19

Na Venezuela, a revolução democrática radical dos trabalhadores plasmou-se na sua nova constituição e na ampla possibilidade de atuação política da classe trabalhadora, ou seja, das maiorias, inclusive dos estratos contrarrevolucionários, assim como a possibilidade de a classe trabalhadora conquistar sua plena emancipação política. Contra esse processo joga a profunda crise econômico-social e suas altas taxas de desemprego, escassez de mercadorias e fome. Crise econômica em boa parte causada pelo embargo norte-americano à venda do petróleo e bloqueio das reservas bancárias nacionais da Venezuela. Não somente a industrialização não pode prosseguir como ocorrerá a desindustrialização.

Por sua vez a economia estatal está, em grande medida, sob o controle dos militares e o projeto comunal pouco ou nada avança. Também não está claro que o complexo econômico comunal esteja sendo estimulado após o embargo imperialista. Tudo indica que a transição ficou encalacrada na função anti-imperialista, não alcançada nem a plena emancipação política dos trabalhadores ou, muito menos, o avanço contra o estado e as mercadorias.

20

Estas últimas etapas, lesadas pela crise econômica, dão à luz um fenômeno dessa obra, o *processo de lumpenização* e a entrada em massa desse estrato lumpenizado no aparelho de estado, o que fere ainda mais



qualquer hipótese de compromisso desse estado com a emancipação dos trabalhadores.

El movimiento chavista fue determinado por un substrato cultural y conductual de carácter plebeyo. Su raíz está en la estructuración histórica de las clases de la nación. De ese carácter general dominante derivó un tipo de conducta similar a la conocida como *lumpen*. No se trata de una caracterización moral, sino lo opuesto: es social, de estructura. (...) En Venezuela, este carácter lumpen se desarrolló al ritmo de la construcción de su economía petrolera mono productora...La burguesía venezolana no necesitó desarrollar una sólida clase obrera nacional educada, integrada y disciplinada a su aparato productivo, ni requirió de un Estado nación similar. Un sector creciente de los pobladores urbanos emigrados de la miseria campesina quedó disociado de la producción, la educación profesional, el sistema de salud, la vida cultural. Como era inevitable, estos adquirieron las normas de conducta de su *estructura social de sobrevivencia material*. Las corrientes más tradicionales y fuertes de la izquierda venezolana se reprodujeron en ese espejo social. Con esa conducta se integraron al primer, al segundo y al tercer gobierno de Hugo Chávez. Cuando este sector se convirtió en el sujeto de la "revolución bolivariana", desde 1999, trasladó su cultura de clase al conjunto del sistema político. Esta trasladación fue facilitada por dos aspectos particulares. En forma directa, el tipo humano que nutrió a las organizaciones de la izquierda que desde 1999 se integraron al sistema político chavista en carácter de cuadros del movimiento social y del gobierno. (...) También se vió en los gobiernos y tiempos previos a Chávez, pero en menor escala. Y es visible como en el de Pedro Castillo en Perú, una de las sociedades más castigadas por el desempleo, la disgregación económica y la "economía informal". (...) Es un efecto social de deterioro derivado del factor distorcionante que fue la riqueza petrolera en Venezuela. La mayoría de la izquierda venezolana no se nutrió con la disciplina colectiva de un movimiento obrero industrial sólido, ni fue parte de una corriente intelectual o escuela ideológica como en otros países. Este carácter *lumpen* no fue privativo de las clases inferiores. Toda la clase dominante venezolana



también se formó lumpen. Eso explica su improductividad, derrochismo, inorganicidad, corrupción, debilidad y subordinación permanente a alguna potencia extranjera. (...) En términos comparativos, Venezuela no tuvo una generación como la de Sarmiento, dedicada a crear uma nación económica capitalista moderna, integrada económica, social y culturalmente⁷.

21

Lumpenização essa que se alia ao tema central, que poderíamos chamar de Economia Política do assassinato político, departamento vital da contrarrevolução imperialista e nacional. Lumpenização que atuará no sentido de fragilizar ao máximo a eleição do corpo mais íntimo de zeladores da vida de Chávez. Esse processo mais a ausência de critérios adequados na escolha desses funcionários (todos militares) estão no centro das razões do seu assassinato político.

22

Entretanto, a lumpenização como processo histórico acompanha a inevitável desindustrialização de nossas sociedades ex-coloniais em sua entrada na fase neocolonial aberta como prêmio pela aceitação subalterna da economia política neoliberal ainda é processo pouco estudado, embora constitua processo de primeira ordem, ligado ao tema da expansão do assim chamado *preariado*. As consequências históricas desse processo são gravíssimas e inevitáveis⁸.

23

Desse modo, alcançar a plena emancipação das maiorias trabalhadoras para dar continuidade à transição e fazê-la escalar níveis sucessivos de emancipação nacional torna-se ainda mais difícil dada a degradação massiva da massa dos trabalhadores. Tal fato chama a atenção para dois aspectos vitais do processo transitivo. Em primeiro lugar, evidencia ainda mais a função vital, estratégica, das organizações políticas

⁷ Guerrero, Modesto Emilio. Crónica de un magnicidio. Op. Cit. p. 73-75 (Todo o capítulo *Fisuras en la seguridad* é extremamente rico no tratamento do tema).

⁸ A atual evolução do processo político chileno se explicaria, em grande medida, pela ocorrência desse processo.



revolucionárias. Em segundo, lança luz sobre aquilo que poderíamos chamar de a *força dos pequenos números* nos processos revolucionários, a concentração excessiva do poder em um número muito restrito de mãos. Em última instância, evidencia-se a força da liderança e, antes de tudo, do líder e, através dele, da cadeia de poder. De tal forma que a liquidação física desta, a destruição de seus elos, passa a ser um elemento vital para o desmantelamento de um processo revolucionário. A morte de Lenin, o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, o assassinato da linha de comando teórico-prático da FRELIMO, passando por Eduardo Mondlane, Ruth First, Aquino de Bragança e Samora Machel, o assassinato de Camilo Cienfuegos e Che Guevara, o assassinato de Gaitán, etc., etc. e, por último, a morte de Chávez, todos esses eventos foram decisivos para os destinos dos processos revolucionários desses países.

24

O partido revolucionário, assim, de modo inequívoco, vê-se chamado a iluminar o processo revolucionário, onde seu papel é vital. Este exige uma organização que saiba navegar a maré deliquescente da lumpenização e não naufrague em suas impossibilidades existenciais. Entretanto, o apodrecimento da reprodução social burguesa nas revoluções democráticas radicais da órbita ex-colonial (e em geral nos países moldados por revoluções burguesas conservadoras onde as revoluções democráticas radicais ocorrem) se processa em simultâneo com o lançamento dos partidos e organizações revolucionárias ao centro do poder com função de controle estatal para comandar uma reprodução social revolucionária.

25

Vinculado a esse processo está a exigência de garantia da estabilidade operacional do núcleo político-partidário dirigente e, conseqüentemente, como sua proteção, sobre os quais repousa o destino da revolução.

26

A revolução venezuelana poderá escapar ao seu destino capitalista anunciado? Ela não estaria obrigatoriamente condenada ao retorno à sua mediocridade capitalista, ancestral, seja pela via aberta da emancipação política da maioria dos trabalhadores através de seu projeto comunal, seja pela retomada da industrialização nacional com a possível suspensão do



embargo norte-americano. Entretanto, ao que nos contam sobre a nova economia política de Maduro, desde lá, as concessões ao imperialismo nos obrigam a supor o contrário⁹.

Algumas conclusões: exercício de síntese provisória

A conclusão provisória a que poderíamos chegar a esta altura de nosso ensaio é que o tema da transição da revolução burguesa conservadora, de sua democracia conservadora, à revolução democrática radical dos e para as maiorias trabalhadoras é objeto vital a ser estudado a fim de entendermos as revoluções democráticas que se autoproclamam socialistas. Sem exceção, todas elas nos colocam diante de transições à revolução democrática radical.

Nas revoluções democráticas que conseguiram alcançar o estágio de revoluções democráticas radicais, nenhuma delas, até o momento, conseguiu iniciar sua transição anticapital. Ao contrário, neste instante, todas elas nos colocam diante do bloqueio da transição anticapital. Ao contrário, todas elas envolvem ao bloqueio da plena emancipação dos trabalhadores e à liquidação dos fundamentos da emancipação desta, de modo que a transição estaciona no anticapitalismo de expressão nacional (sem, contudo, completa-lo nesse nível) ou internacional, anti-imperialista, em maior ou menor grau. Dito de outra forma, elas estacionam na etapa anticapitalista e são incapazes de iniciar sua transição anticapital. Dessa forma, o que o marxismo-leninismo denomina como sendo *socialismo* é a subversão anticapitalista do capital por via da estatização muito estendida dos meios de produção à reprodução social. Subversão essa cujo sentido seria fazer o capital estatizado funcionar o máximo possível em prol das necessidades sociais maiores. A fuga radical à acumulação privada implica em acumulação estatal generalizada, o que, na ausência de forte controle social por parte dos trabalhadores (controle social da classe trabalhadora) universaliza a estatização geral da reprodução social. A experiência histórica desse tipo de reprodução social estatizada tem levado, em geral, ao obscurantismo social e a uma taxa decrescente da produtividade social do trabalho. A transição estatizada transformada nesta universalização da reprodução social

⁹ 10 cosas que Nicolás Maduro enterró luego de la muerte de Hugo Chávez. TalCual. Marzo 5, 2023. Disponível em: <https://talcualdigital.com/10-cosas-que-maduro-enterro-con-la-muerte-de-chavez/>



representa um forte retrocesso democrático de modo a fazer a revolução democrática radical abrir um espaço social, um rombo imenso na reprodução social mais própria da democracia conservadora ou mesmo das ditaduras antioperárias. A ditadura estatal sobre o capital se completa com a ditadura estatal sobre toda a reprodução social. É um trajeto praticamente inexorável.

Aquilo que se inicia como revolução comunista prematura termina como contrarrevolução capitalista. Ocorre que a ditadura estatal sobre a reprodução social involui necessariamente à contrarrevolução capitalista. Ao invés da emancipação dos trabalhadores temos a emancipação do estado.

Desse modo, a economia política imperialista do magnicídio e das cadeias de comando revolucionárias operam como fortes alavancas contrarrevolucionárias decisivamente aceleradoras da involução das revoluções democráticas radicais com pretensões comunistas. Deve se constituir em objeto de estudo dos revolucionários, ao lado das vicissitudes das revoluções comunistas prematuras, cujo trajeto anticapitalista contra seus inimigos nacionais e internacionais se transformaram no pesadelo das revoluções proletárias e populares dos séculos XX e XXI.

As revoluções burguesas conservadoras, em especial as de matriz colonial, estão e estiveram sujeitas a uma vasta gama de revoluções políticas e contrarrevoluções. Uma delas, a que mais nos interessa no momento é a assim chamada revolução socialista.

Esta variante degenerada, de origem alemã, do comunismo de Marx, é da forja de Lassalle e transitou da socialdemocracia alemã à III Internacional e transformou-se de gravíssimo equívoco teórico em abantesma prático das revoluções, comunistas ou não, dos séculos XX e XXI. O espectro que ronda o capitalismo nos séculos XX e XXI é o espectro do socialismo, cuja revolução transformou-se em negação do comunismo e de sua promessa de emancipação da humanidade.

As revoluções socialistas, na realidade, foram, são e continuarão a ser nada mais que tentativas de superação dos capitalismo paridos pelas revoluções burguesas conservadoras europeias ou de matriz colonial, no sentido de realização de uma revolução democrática radical, dos e para os trabalhadores em situação histórica de abandono de luta pela plena soberania nacional pelas suas burguesias, o que significa dizer que ali nunca e jamais se realizarão revoluções burguesas radicais. Ou seja, intentos de transformação de um capitalismo subordinado ao imperialismo e sob regimes de democracia conservadora (com graus variados de



conservadorismo). Dada a prematuridade comunista dessas revoluções, sua transição passa pela revolução democrática radical (fase anticapitalista) e desta à sua fase anticapital, que está pejada de empecilhos e de uma série de barreiras a exigir nesse trajeto operação extremamente difícil e delicada.

Nessas revoluções sociais, por força da centralidade do estado no sentido de forjar novas forças produtivas, de completar (ou iniciar) suas industrializações tornam-se fortíssimas as forças centrípetas de emancipação do estado, as tendências de ele vir a tornar-se o árbitro e operador discricionário de toda ou quase toda a reprodução social. Conseguindo a emancipação do estado, bloqueia-se definitivamente a possibilidade de realização tanto da radicalidade democrática revolucionária quanto da emancipação dos trabalhadores, não restando outra possibilidade histórica à revolução que transitar do anticapitalismo - do qual não consegue libertar-se - ao capitalismo.

Esta é, pois, a *via crucis* das revoluções democráticas radicais, revoluções comunistas prematuras, equivocadamente denominadas de socialistas, fórmula que obscurece o sentido do processo que com elas se abre. Denominação que ao pretender libertar a revolução democrática de suas duas fases obrigatórias e, conseqüentemente da possibilidade de superá-las, liquida a possibilidade de realizar sua orientação comunista. Dito de outro modo, ao equivocadamente ser denominada de socialista, se obscurece as etapas de seu desenrolar e, assim, desejando dizer que ela ainda não seria comunista, veda-se sua transição propriamente anticapital e, para mal dos pesares, se a obriga a despir-se de seu anticapitalismo e a vestir novamente seu manto capitalista, do qual ela desesperadamente ousou libertar-se. Mas a teoria não respeita o tempo histórico da vida humana e pode adormecer por longo período, de tal modo que por igual tempo os revolucionários, antes que venham a decifrar seus trágicos equívocos, estarão condenados a vagar no simulacro de sua grandeza perdida.

Finalmente

Não há caminho fácil para a emancipação dos deserdados da ordem do capital. Das nações e proletários dessa ordem se exige uma *via crucis* de miséria, fome e privações seculares. Não há atalho para a liberdade, a não ser a luta ingente, permanente, diuturna contra os declarados implacáveis inimigos seculares e dispostos a incendiar o mundo para não perderem uma



ínfima parte de seus privilégios e poder discricionário sobre o destino de seus escravos.

Não há via capitalista (burguesa) de superação do capitalismo da miséria de todos os países egressos do mundo colonial. O fracasso da fase desenvolvimentista atesta a impossibilidade de uma transformação socioeconômica por dentro da ordem neocolonial.

Por sua vez, na periferia, vão tomando forma aquelas teorias voltadas à compreensão do subdesenvolvimento. A matriz cepalina, cujo centro teórico é Prebish, além de Keynes, vai beber de List a teoria das “forças de produção”. Tal variante teórica pressupõe a possibilidade de um desenvolvimento autônomo do capitalismo na periferia, através de uma ação decisiva do estado nacional e de um planejamento capaz de coordenar as múltiplas e simultâneas ações, visando as profundas transformações socioeconômicas necessárias para esse tipo de desenvolvimento. Está pressuposto, é claro, que os EUA não só não impedirão tal evolução das coisas, como, igualmente, prestarão concurso ao surgimento de capitalismo autônomos: isso verificou-se ser uma descurada fantasia. Celso Furtado¹⁰ é explícito sobre isso: ‘...a industrialização não leva necessariamente à autonomia de decisão, ao desenvolvimento autossustentado, como estava implícito no modelo da CEPAL’, ou então, “...a ilusão, que chegou a predominar meu espírito em certo momento, de que uma feliz conjuntura internacional – consequência da grande depressão dos anos 30 e do conflito mundial dos anos 40 – abrisse uma brecha pela qual quicê pudéssemos nos esgueirar para obter uma mudança qualitativa em nossa história, agora se desvanecia (após 31 de março de 1964)¹¹.

As sociedades ex-coloniais vivem o pós-colonialismo como continuidade da condição colonial, condenadas a este destino pela divisão internacional do trabalho imposta pelo capital dominante. Na transição de uma etapa para outra, permanecem os desígnios imperialistas

¹⁰ FURTADO, Celso. A fantasia organizada. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991, p. 39, 63, 133, 139

¹¹ LIMA FILHO, Paulo Alves. Os cavaleiros da tétrica neblina, mimeo, São Paulo, 1993, p. 178.



A economia política do complexo agroexportador expressa a inexistência da nação, expressa o trânsito às asas protetoras de outra potência hegemônica, de um novo patrão, a que as exportações do complexo se dirigem de forma crescente. Por sua vez, os fundamentos materiais dessa economia política se expressam exclusivamente na agroexportação. É uma economia política de exaltação da agroexportação; e de uma tal radicalidade que se propõe, de fato, excluir o exercício da soberania estatal centralizada. A descentralização e o livremercado constituem, assim, nesse caso, a possibilidade de furtar-se ao estado nacional, de acoplar-se sem intermediários ao estado hegemônico. É uma economia política de um complexo agroexportador apendicular, antinacional, tendencialmente anexionista. Enfim, é uma economia política mais barata (para os interesses dos grandes fazendeiros da agroexportação, é óbvio). Os complexos agroindustriais e industriais das potências hegemônicas, sob a hegemonia do capital industrial (em rápida transição ao capital monopolista) capturam esse movimento antinacional do complexo agroexportador e o utilizam contra a reconversão nacional deste. Como se fora um dócil tacape contra os intentos de industrialização consciente. Uma espécie de neocolonialismo do capital industrial (e, posteriormente, do capital monopolista)¹².

Por força desses desígnios, são obrigadas a sobreviver sob ordens políticas democráticas constrangidas, nascidas de revoluções burguesas conservadoras, não restando a estas sociedades, para libertarem-se de sua sina subordinada, outra alternativa que liquidar a ordem conservadora e substituí-la por uma ordem democrática radical. Assim, nessas condições históricas, a superação das revoluções burguesas conservadoras só poderá ocorrer por meio de revoluções democráticas radicais.

Não há pajelança ou catequese que subverta a ordem capitalista miserável e a faça entrar no reino dos céus de um capitalismo virtuoso egresso de revolução burguesa radical. O desalento após o fracasso desenvolvimentista, liquidado com o ciclo de golpes de estado e pelo tsunami de ditaduras militares que delas se sucederam, enterraram também a ampla adesão aos projetos de revoluções políticas nacionais que se

¹² LIMA FILHO, Paulo Alves. op.cit. p.88.



desenhavam no horizonte. Foram substituídos pela pior das requeentadas ilusões, a de que uma democracia social poderia nascer do solo da miséria capitalista através de uma alternativa capitalista dentro da ordem conservadora.

Como fruto dessa ilusão, ao se manterem a fome, a miséria e as iniquidades características desses capitalismo da miséria, naturalmente minaram-se o prestígio da política e dos políticos. Após o fracasso de décadas de políticas de mitigação da fome, miséria e desigualdades socioeconômicas e legais, de entremeio a forte repressão estatal aos movimentos emancipatórios e ditaduras mais ou menos sanguinárias, em ciclos sucessivos a um só tempo obscurantistas e modernizadoras da subordinação imperialista, essas sociedades, enfim, desabrocharam para o canto da ultradireita politicamente fascista. A partir da ruptura do pacto político democrático entre as classes dominantes norte-americanas, essa vertente política tornar-se-á capaz de unificar mundialmente o vasto espectro reacionário e, enfim, disputar o poder político com as forças tradicionais, antigas ou novas.

Qual sofresse de doença autoimune, o liberalismo promove o colapso político do capitalismo. Com maior força o liberalismo dos capitalismo da miséria, prisioneiro da democracia conservadora, incapaz de ser convencido a saltar ao campo democrático radical, com pavor radical à rua e à revolução democrática. Fechada sobre si mesma, resultado de movimento autoprotetivo, marchará cada vez mais ao conservadorismo, tornando-a ainda mais vulnerável à religião fascista. A marcha à direita da democracia conservadora só fará aguçar nível da autoconfiança e violência fascista¹³. O temor da contrarrevolução neoliberal à revolução a faz vítima voluntária da revolução fascista. Na Itália fascista,

Under a strong government, austerity policies— fiscal, monetary, and industrial— served just such a purpose of protecting the wealthy capitalist minority in its capacity to save, invest, and ultimately profitwhile forcing the majority to consume less and work more." "...Sacrifice came in the double

¹³ DIXON, Ejeris. Fascism is rising, but it does not have to be our future. Truthout. 21 05 2023. Disponível em: <https://truthout.org/articles/fascism-is-rising-but-it-does-not-have-to-be-our-future/>



form of decreased consumption (which would reduce internal demand and prices) and decreased wages (which would reduce costs) to boost production and economic competitiveness. Such was the “recipe for the long- term general interest.” A fundamental step in this direction was to depoliticize the economy— that is, to abolish any form of state control so that wages would again be subject to impersonal market pressure rather than be prone to political contestation. Looking closely, it emerges that the fixation of the experts on balanced budgets and on curbing inflation had a *deeper* goal: reconfiguring the indisputability of capitalist relations of production, based (as we know) on the pillars of private property and wage relations.”

It seems clear that the austerity economists were not infatuated with Mussolini’s charismatic figure *per se*, but rather saw him as the right man at the right time to implement the principles of pure economics. And indeed, the economists did not hesitate to criticize Mussolini’s policies when the policies did not conform to austerity principles¹⁴.

Contudo, o obscurecimento da revolução democrática radical em prol da conclamação à revolução socialista se revela um freio teórico-prático no caminho da construção de um bloco democrático revolucionário e obscurecimento do real processo da revolução democrática radical dos trabalhadores. Como já vimos acima, os feitos, formas e significados real e fictício da trajetória da revolução radical que se proclama socialista evidenciam a necessidade de entender esse processo como revolução comunista prematura, único meio de faze-la aportar no limiar da fase anticapital. Sem o domínio teórico desse processo será impossível sair do falso labirinto posto pela teoria da revolução socialista, tal como desejava Engels em 1853, quando ainda tal teoria não havia contaminado o movimento, porém como resposta à possibilidade muito real de chegada do partido proletário ao poder sem que as condições para a revolução comunista colocassem na ordem do dia da revolução democrática radical dos trabalhadores a transição comunista em sua fase anticapital.

¹⁴ MATTEI, Clara. The capital order. How economists invented austerity and paved the way to fascismo. The University of Chicago Press, 2022 p. 211, 233, 252. ; ver também: Marques, Luiz. Bolsonarismo e fascismo. A terra é redonda, 19 05 2022.



Somente a *teoria da transição comunista posta pela revolução democrática radical dos trabalhadores, enquanto revolução comunista prematura*, poderá dissipar a densa neblina que se abateu sobre o movimento revolucionário mundial em virtude da transformação da teoria da revolução socialista em expressão oficial desse movimento e da autoliquidação da URSS como consequência inevitável dos fundamentos dessa falsa teoria. Essa ideologia subversiva da concepção de Marx, somente faz reiterar os impasses das revoluções na órbita das nações neocoloniais do mundo ex-colonial, assim como dos países capitalistas do campo das revoluções burguesas conservadoras. Igualmente, ao negar o caráter universal e obrigatório dessas autoproclamadas revoluções socialistas não comunistas que negam a emancipação dos trabalhadores e, depois de ingentes sacrifícios de seus povos retornam ao leito do capital, a teoria da transição comunista retira o futuro do limbo da vergonha, desprezo e humilhação históricas, e o faz novamente brilhar como necessário projeto coletivo da humanidade, mergulhada nesta sua fase desfuturizada e prenhe de ameaças de sua extinção seja pela escalada da guerra nuclear, da devastação ambiental que socava os fundamentos da vida no planeta ou da degradação humana em escala planetária, assolada pelo novo capital financeiro, criador de novas forças produtivas capazes de lançar a maioria da massa trabalhadora no nada do desemprego e da precarização do trabalho, da fome e miséria em proporções incontrolláveis.

Desse modo, o movimento revolucionário não está condenado a oferecer à humanidade o triste espetáculo da emancipação do estado e alienação da massa trabalhadora como resultado de suas revoluções democráticas radicais, a negar os sacrifícios da luta de gerações contra o capital, o imperialismo e suas iniquidades. Ao contrário, o movimento comunista pode retomar seu veio emancipador, arrebatado pelas vicissitudes históricas da sua primeira fase, quando tentou superar o capital e as particularidades de suas nações capitalistas subordinadas ao imperialismo e imersas na incompletude de seus capitalismo miseráveis.

São Paulo, 5 de fevereiro a 24 de maio de 2023.

